

ENTREVISTA



Prof. Dr. Luiz Augusto Passos

Entrevistado por Edson Benedito Rondon Filho no dia 16/12/2020

RESUMO BIOGRÁFICO

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira (1979), graduação em Teologia - Colégio Máximo Cristo Rei (1973), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1990), doutorado em Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1997) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia educacional, movimentos sociais e educação, filosofia ambiental, epistemologia merleau-pontyana, metodologia merleau-freiriana, população em condição de vulnerabilidade, educação prisional, educação indígena, moradores e moradoras em condição de rua.

RHM: Professor qual é o papel da educação, (já que o senhor é um estudioso da área) na construção da cidadania?

Eu tenho buscado inspiração pra discutir educação sempre em Paulo Freire¹ que entende a educação como um processo de criação do ser humano por ele mesmo e em diálogo com todas as coisas do mundo e com outras pessoas. E aquilo que produz que podíamos chamar a *pessoa* – isto é - *relação* e, portanto, o cidadão em construção de si com os outros. É esta relação estabelecida com todas as coisas e com o próprio ser humano todo diverso e também singular sem deixar de ser universal. Em sendo a educação essa capacidade de autoprodução, Maturana² fala de autopoiesis³ se chama de autoprodução de si próprio: ela tem papel fundamental porque ela não humaniza em princípio, sem relação; jamais se conclui. Carece de condições de acesso aos bens necessários para a produção da vida, reprodução da vida para além disso, de conforto, de felicidade do ser humano. Este processo é um processo que a vida mesma estimula por dentro a se manter, e crescer, numa perspectiva também dialógica. De diálogos, de intercursos com as coisas e com as pessoas em perspectivas de tornar as pessoas corresponsáveis coletivamente, não só pelo seu crescimento, mas também pelo crescimento das outras pessoas com as quais ela se relaciona. Eu diria, então, que todos nós educamos, e na medida que *nos* educamos, a nossa educação tem impacto nas pessoas com as quais nós convivemos, elas nos educam. E ao fazermos isso, estamos sim formando a dimensão da cidadania, da responsabilidade coletiva, enquanto corpo vivo em todas as suas dimensões. Parece-me que a tarefa da educação é compreender este processo para colocar o centro da vida, e o centro da liberdade do ser humano, na busca das condições da reivindicação sobre as condições necessárias para que a vida e a

¹ **Paulo Reglus Neves Freire** (Recife, 19 de setembro de 1921 – São Paulo, 2 de maio de 1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É Patrono da Educação Brasileira. Considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire)

² **Humberto Maturana** (Santiago, Chile, 14 de setembro de 1928) é um neurobiólogo chileno, crítico do realismo matemático e criador da teoria da autopoiese e da biologia do conhecer, junto a Francisco Varela. Faz parte dos propositores do pensamento sistêmico e do construtivismo radical.

³ **Autopoiese** ou autopoiesis é uma expressão que vem do grego *auto* "próprio" e *poiesis* "criação". Surgiu inicialmente com a ciência da biologia, servindo para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. Definição Jurídica: é a ideia de um sistema jurídico fechado e autossuficiente, ou seja, que não sofre a influência de outros sistemas ou subsistemas, sendo capaz solucionar sozinho os conflitos que forem desencadeados em seu interior.

cidadania se efetive. Ninguém nasce cidadão ou cidadã. Ela não é uma coisa endógena – de dentro, previamente, nem tampouco que venha de fora de nós, ela vem a partir do momento que a gente emerge como corpo no mundo, abraça a história e se constitui em um processo sem começo e sem fim. Me parece que essa relação é uma relação que surge do encontro, do aparecimento da *emergência* da expressão do ser humano consigo, com outros e outras e com o mundo. Momento pelo qual a liberdade se lhe faz espaço e tempo, e constrói a partir disso, seus valores sempre em diálogo com as condições de expressividade, encontradas; mas, com uma força de afirmação sempre de uma dimensão vital que se lança para fora de si, *ex-cêntrica* em busca da saúde, da vivência, da comunicação, do carinho e do sentido. Não nascemos truncados. Nascemos para um processo de desenvolvimento gradativo por buscas, tentativas e ensaios, sempre na linha da expressão do encontro da expressão comunicativa que nos faz. Somos impulsos. Somos desejos. E somos forças passionais, instintivas, afetivas e amorosas. Melhores seremos se houver condições desse encontro, dessa intersubjetividade, dessa intra-corporalidade exprimir-se com liberdade, em uma relação de respeito à liberdade com todos e todas, buscando condições de humanidade crescente do ser humano. Claro que permeado por todas as relações das culturas existentes, nesse sentido, não há uma garantia no processo hoje, por exemplo, civilizatório, político que as pessoas se desenvolvam para essa dimensão de pura produtividade: isso é deformar-nos e deformá-las. É ilícito, que as pessoas sofram violência de concurso de forças que queiram utilizar o ser humano para finalidades instrumentais, de uso, como se fossem *coisas*. E de maneira particular em uso para dimensões de acumulação, em uso para instrumentalização, como máquinas, ferramentas e instrumentos para fins políticos de dominação, ou para adequá-las a interesses que quebrem seu desejo, sua liberdade e autonomia. A vida, por isso, se defende o quanto pode para não entrar nesse poço que existe dentro de nós, poço sem fundo, que gera raízes da vitalidade, mas pode, ao mesmo tempo, nos fagocitar, para uma forma de destrutividade e não bem viver.

RHM: Professor e em relação aos direitos humanos, já que o senhor tocou de maneira tangencial nesse tema. Na sua opinião o Brasil tem cumprido o seu papel com relação aos direitos humanos?

Difícil falar do Brasil reificado, assim como se fosse uma coisa só. Ele é um conjunto de determinações de muitas coisas em pauta que apresenta os conflitos de qualquer sociedade, que na verdade não é também uma só, são múltiplas. Ele, portanto, inclui também seus governos. Mas eu diria a você que a tendência histórica de nosso país foi sempre uma tendência de se deixar colonizar ou aceitar as pautas da colonização que tem reciclado o processo de dependência em função de interesses de classe, que negam inclusive a cidadania. E aceitar também a dominação interna de setores que servem setores internacionais e nesse sentido, me parece que do tema que você também prioritariamente discute, que a revista tem como elemento fundamental a grande pergunta é: Qual é o papel dessa força de legitimação de Estado da violência faz nessa conjuntura, que é uma conjuntura extremamente contraditória, mas o poder que permeia as relações do todo da produção social, são relações de violência. E nesse sentido não se trata de um setor, que isente as dimensões religiosas ou sociais, muito pelo contrário, essas forças também são permeadas por uma violência endógena e a luta tanto do ser humano tem de ser permanentemente uma luta contra aquilo que Paulo apóstolo falava contra as dominações, potestades e os poderes dos ares. Nós temos na cultura, uma cultura também que faz opção pela morte, mas também temos nessa mesma cultura, dimensões que eu chamaria de endógenas trazendo todos nós para a dimensão da vida e cada pessoa terá que saber de que lado ela reforça e de que lado ela se deixa dominar. O dramático é hoje a trança de uma imprensa que divulga muito mais os interesses que não são aqueles dos brasileiros. O Brasil com relação aos direitos humanos que é uma pauta internacional, de um momento histórico específico, mas perpassa toda a dimensão do direito à vida, direito à comunicação, do ir e vir, da liberdade das pessoas, das diferenças. Eu diria que é muito difícil o nosso país na dimensão da promoção e do respeito a esses direitos humanos, pois, permanentemente estão sendo contingenciados. Ontem ou anteontem numa das pautas do Senado era o contingenciamento da idade penal, discutia-se quais são os casos que conseqüentemente o fator etário é apenas um artifício que se usa para

provavelmente impor um processo de restrições às pessoas mais pobres, mais vulneráveis, dentro dessa conjuntura. Uma sociedade que se paute pelo desprezo a vulnerabilidade que ela mesma produz é uma sociedade cínica. Sociedade que não se tem respeito por si própria. Sociedade a caminho da destrutividade. Verdade é que, por outro lado, nos momentos (Eu diria assim) mais graves e mais conflituos, e quase poderia dizer nas faces terminais desse processo, eu acho que a vida sempre se levanta como um bem maior para uma avaliação crítica do desejo de viver, daquilo que leva à vida e daquilo que leva à morte. Mesmo em pessoas em situação, (eu lembro de depoimentos que foram feitos na penitenciária por presos que estavam em estágios terminais) e apesar de terem também todo o tempo tomado partido de sobreviver por processos causadores de violência a avaliação final da sua vida era: “Estou narrando isso para que as pessoas saibam que isto não é um bom caminho pra ninguém. Nesse processo terminal, você tem a lúcida noção de que a diminuição da vida, a diminuição de uma relação produtiva, boa, feliz e ética é a única que sobra a nós se quisermos manter um nível de opção pela vida como centralidade absoluta que sempre estará no horizonte da alteridade. E, acho que é o que os direitos humanos quiseram afirmar embora historicamente o fizeram ainda contra uma grande parte dos grupos que foram excluídos e alijados da forma que foi concebido esses direitos, consagrando valores ocidentais, consagrando valores na verdade de uma sociedade única, que é aquela da modernidade ocidental e desprezando outras formas próprias de diferenças das sociedades que já estavam sob dominação. Com isso, não podemos fazer um elogio ‘integral’ aos Direitos Humanos da Declaração, que põe no papel, para legitimar o *desreconhecimento*, por uma universalidade genérica, de todas as singularidades de direitos vivos, que são extintos e negados, e matado, por uma universalidade hegemônica, e de má fé. É preciso saber que a colonialidade só reconheceu direito a si mesma, e era tanto mais enfática quando negava o direito da alteridade, dos negros, dos indígenas, dos animais inclusives.

RHM: *Professor e nesse quadro todo de direitos humanos, onde entram os movimentos sociais? Como eles participam e qual a importância deles para a consolidação desses direitos humanos?*

Eu diria que você tem várias formas de movimentos sociais, eu frisaria algumas formas instituintes ou em situações de necessidades em que pessoas se unem numa sociedade por comunhão de esforços e realização daquilo que não é possível por uma pessoa só. Você estabelece um movimento por um dia, ou talvez uma semana ou dez dias, isto é um movimento instituintes e não necessariamente instituídos e nem às vezes se instituem enquanto tal. Esse outro tipo de movimento curioso Castoriadis⁴ fala disto que é aquele movimento orquestrado por todo mundo e que todo mundo tem certo sentido de comunhão com algumas injustiças e existe uma espécie de silêncio de orquestração de determinadas ações pelos indivíduos, aparentemente isolados mas que agem com um sentido de vitalidade, de resistências, em face das formas com os tecidos da sociedade constrói também a sua destrutividade. De alguma maneira eu penso também da “Arte de fazer” de Michel de Certeau⁵ menciona isso que é a resistência que aparece as vezes historicamente num ponto ou noutra mas que ela é permanente. Das pessoas que tentam se defender da dominação, tentam se manter-se unidas, tentam manter a sua subjetividade, as suas escolhas pessoais e vitais contra à homogeneização. Tentam manter suas diferenças sociais, étnicas, sexuais apesar de que a sociedade tenha uma forma homogeneizadora e unificadora disso, globalizante, e não raro também cínica, e mentirosa, pois, negam a outr@s o que reivindicam para si, - como privilégio - sentenciam a Ética de Karl Otto Apel. Os movimentos abertos são muito importantes porque conseguem fundar uma luta maior de permanente resistência. Temos aqui no Brasil, agora, uma situação conjuntural óbvia de confronto em que a mídia dá uma pauta a respeito de uma visão específica, que privilegia os donos destes mesmos

⁴ **Cornelius Castoriadis**, em grego **Κορνήλιος Καστοριάδης** (Constantinopla¹, 11 de março de 1922 – Paris, 26 de dezembro de 1997), foi um filósofo, economista e psicanalista francês, de origem grega, defensor do conceito de *autonomia política*. É considerado um dos maiores expoentes da filosofia francesa do século XX. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cornelius_Castoriadis)

⁵ **Michel de Certeau** (Chambéry, (França), 1925 - Paris, 9 de janeiro de 1986) foi um historiador e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais. Intelectual jesuíta é autor de inúmeras obras fundamentais sobre a religião, a história e o misticismo dos séculos XVI e XVII. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Certeau)

donos. O ontem, umas dessas pessoas dizia que agora dia 15 toda a população iria para as ruas, para mostrar por exemplo a impossibilidade de governabilidade do PT (Partido dos Trabalhadores) nesse determinado momento. Quando, na verdade, você levanta os fatos, e as pessoas – chamadas - não vão! Efetivamente, os que vão são poucos; e, muitas vezes forçados, nominados a participar, na marra, para manter função, emprego, etc... Vou dar um outro exemplo que mostra a mesma coisa. Os caminhoneiros, com os caminhões enfileirados, e no momento em que você vê aquela fila de caminhões você pensa (“Meu Deus do Céu, todo mundo tá parando!”), e você tem lá pontos específicos no começo, no fim, no meio distribuídos estão os outros que precisam trabalhar na marra, gostariam de ir pra casa, não ter os problemas daquilo que está levando de precível, mas não podem sair sob pena de um processo de repressão dos interessados na greve de veículos. Aparenta ser uma força de decisão coletiva de muitos: fica em discurso. E você tem às vezes um desarmamento frente a isso, uma despolitização inclusive em relação a esse fato em não tomar posição ou aqueles que tem posição contrária, mas também estão vencidos pelo confronto da correlação de forças de poucos que comandam, pautam e dominam os meios de comunicação. Então eu te diria que, os movimentos sociais são um indício de que a sociedade tem problemas; complexos e graves, e muitas vezes estruturais. Podem ser uma fonte de vitalidade para a sociedade, mas não necessariamente, posto que existem por vezes donos de uma pauta imposta, por interesses de aumento do preço do combustível, para os setores do Petróleo, e assim por diante. Você tem mudanças, tem normas, por exemplo a CUT (Central Única dos Trabalhadores) tem uma outra posição do que aquela outra Força Sindical. Nesses momentos você tem as contradições, mesmo dentro dos partidos políticos, aquilo que se anuncia não é o que necessariamente se passa dentro do conjunto das pessoas que lá estão. Diria que os movimentos sociais são imprescindíveis para a democracia no sentido que sejam expressão pública, uma expressão organizada e de disputa em relação aos centros de determinação do poder instituído muito cristalizado e por vezes representam expressão da necessidade da sociedade. Como fazer que as funções dos movimentos se transformem em resistências a pautas impostas, e gere controle social tanto quanto possível daquilo que seria o desejo da população como um todo; e, se possível, uma ampliação das grandes necessidades das pessoas para exprimi-las a de uma mudança

positiva da sociedade que conquistasse manifestação de poder e diálogo, em face das grandes contradições geradas pelo autoritarismo, produzindo participação, dialogo e a liberdade de manifestações da diversidade e também como frente de criação de produzir políticas públicas pelo protagonismo social e político, há muitas mãos. O desejável seria buscar formas coletivas, em grupos pequenos, locais de vizinhança, de local de trabalho, nos espaços de lazer, estudos, para melhor definir coletivamente quais seriam as pautas e papéis dos movimentos sociais que sempre são fundamentais. Curiosamente, de alguma forma isso é também uma peculiaridade de emergência nos países, quando um negro ou negra nos EUA, é matado. Há um levante, mobiliza, e em alguns momentos isso também ocorre aqui. São fenômenos bem pontuais como um todo. A maior parte dos países apresentam coisas parecidas, mas muitas vezes bem mais tímidas, bem mais institucionalizadas e até profissionalizadas. Eu conversava esses dias com um casal da França que mostrava os caminhos da institucionalidade francesa faz com que os limites sejam os que estão sendo permitidos, só se dialoga sobre isso; não sobre a ampliação de direitos ainda não formulados ou que emerjam em pautas da vida no cotidiano, considerado como anarquismo e desordem.

RHM: Professor o senhor falou aí em um momento anterior sobre a questão da homogeneização, e isso pressupõem controle, controle pressupõem uso de aparatos de forças policiais e de segurança, como que o senhor vê nessa perspectiva a política de segurança atual, tanto a nível local aqui em Mato Grosso como a nível de Brasil?

Eu diria a você que a segurança, não sei bem se ela tem uma política de segurança formulada (risos) e eficaz na tradução do que se deve compreender de uma política para os setores todos; o que me parece que existe é uma conspécção de segurança fragmentada com pesos e medidas que corresponde com pesos e medidas da eficiência do capitalismo e da colonização e que não é discutido abertamente. Não se tem acesso as informações e as informações restringe-se a grupos muitos específicos que tomam as medidas da chamada 'segurança' de maneira centralizada, por cima e a gente não consegue fazer o acompanhamento. Ontem, por exemplo um conjunto de jornalistas que particularmente são os que eu seleciono para me informar, fizeram um documento solicitando que se tenham acesso aos nomes e aos

documentos, a respeito da responsabilização deste momento de depósito realizados na Suíça, quem vai ter acesso sobre isso, é uma imprensa que utiliza isso de maneira malévola de maneira a escolher selecionar e filtrar as informações não raro para fim de escândalo, proporcionar uma informação de quem tem interesse de disputar hegemonia sobre este dinheiro público no exterior, e sumir quando ele já está em mãos que compram, vendem, e o fazem sumir. Há pouco sentido de decência, de apresentar informações à sociedade. Esse conjunto de jornalistas, que são poucos, os melhores que temos, premiados mundialmente inclusive, estão pedindo que exista um tratamento de igualdade nas informações que circulam entre a grande imprensa e a mídia de plantão e cotidiana e *blogs*, esses jornais menores que poderão fazer a diferença nas avaliações dos informes e apresentação do que de fato se passa sem censura prévia e reservas na comunicação pública. Isso mostra que você tem um nível de chamada inteligência produzida hoje, para a segurança com informações restritas, que poderiam ser usados para muitas avaliações e debates, e, normalmente pelas opções práticas e políticas cotidianas de como se administram as coisas do nosso país elas são administradas em favor do setores dominantes, com o apoio do aparato policial do apoio da inteligência de segurança, e contra os cidadãos vistos reiteradamente, como sobra perversa e responsável por tudo que há de ruim na cidade. Embora eles – pessoas comuns - não tenham botado dinheiro na Suíça e nem fizeram desvios na Assembleia e nos organismos públicos, respondem pelos mecanismos de ocultação e desvios, traçados de cima. Terminam culpados por uma leitura do jeito ‘entre aspas’ que o diabo gosta; ver toda perversidade como bons olhos e malignidade com ‘bons olhos’; e, ver toda Re-existência⁶ contra essa malignidade e injustiça como inferno caos e lixo. Penso, eu que a segurança teria que ser mais generosa e mais objetiva nos processos de elencar de onde vem os processos de violência, de exclusão, de morte, de depredação, de aniquilação da água pouco, da super exploração dos serviços públicos que a gente tem, cuja água mingua, não por pessoas que não tomam banho e nem se lavam durante o dia, são gastas pelas grandes propriedades como formas de cruéis do uso da água e grande processo de sequestro dessa água para fins de hidro negócio e uso sem cuidados.

⁶ “(re)existir, (re)vivir” (WALSH, 2013).

RHM: *Professor, caminhando nessa perspectiva eu penso numa correlação de outra abordagem que o senhor sempre faz e do Giorgio Agamben⁷, sobre tudo do estado de estado de exceção, o senhor poderia falar um pouco se há a possibilidade dessa correlação?*

O Agamben em uma certa ocasião até meio ironicamente ele diz que nós não temos um estado democrático de direito nós temos um estado de exceção permanente; e, neste sentido eu acho que sim, a leitura de que faço e que acabei de fazer mostra um pouco isso, você tem um conjunto de setores excluídos previamente e sobre os quais recaiam todos os sacrifícios e também a execução deles sem que seja penalizados, punidos pois desaparecem higienizados os setores que usam do suor dos trabalhadores, dos impostos que os altos setores não pagam; e ainda comandam um Estado que usa destes recursos de suor e sangue, e suprime serviços necessários para empregos, escolas, SUS, direito à segurança, direito a defesa pública, de sorte que ninguém, desaparecem os sujeito responsáveis, não existem qualquer apuração nem levantamento das responsabilidades honesto; então, você tem uma operacionalidade cotidiana e fluida de procedimentos antes legais ou se legais e ilegítimos que é justificado por uma forma de compreensão e de constitucionalidade inclusive que em princípios não caberia dentro das nossas do nosso país. Há possibilidades de a partir das raízes brasileiras, negras, indígenas, latino-americanas, de garantir no nosso país a convivialidade das diferenças, o reconhecimento de todos os setores negados, em um esforço de bem-viver, necessário inclusive para não fazer das guerras e da segurança mercado. É necessário um esforço de um novo constitucionalismo a partir do reconhecimento das diferenças e de trocas culturais, que temos no país inteiro. Padrões de cidadania estão em atrito com que estão valendo da cultura existente, então o *Agamben* tem dito isso que você na verdade quem na verdade instituiu a democracia, instituiu também gonzos⁸ e escoras de legitimação para ela extremamente permanentes e para defende – lá de qualquer ataque externo todos os que não estão ativos nessa constituição são inimigos delas e

⁷ **Giorgio Agamben** (Roma, 22 de abril de 1942) é um filósofo italiano, autor de obras que percorrem temas que vão da estética à política. Seus trabalhos mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de estado de exceção e *homo sacer*.

⁸ Significado de **Gonzo**: s.m. Designação de *dobradica*; peça ou artefato feito em metal e sobre o qual o batente (porta ou janela) pode ser girado ou movimentado; quício. (www.dicio.com.br)

provavelmente o que valerá é o princípio de que todos são bandidos até que se prove o contrário, coisa que retornou 'ontem' de novo pelo desejo de sentenciar rapidamente, sem avaliação dos pesos e medidas! Na verdade, Agamben diz que este Estado Soberano, embora sem rosto, ele entra nas pessoas, emerge deste estado de caos e pode ser qualquer pessoa assuma essa condição de responder à ORDEM reificada perversa do sistema. Pode executar o *outro* na "ordem" da legalidade permanente das dimensões democráticas que, obviamente, não caberia dentro do estado de direito qualquer dúvida, posto que já se introjetou - antecipadamente - que bandido bom é bandido morto! Haveria aqueles, homens com ou sem rosto, que estariam do outro lado de qualquer possibilidade de direito, completamente fora da Lei, sempre, que comandam o extermínio. Formam grupos de defesa mútua. Suas execuções não carece sequer que haja razões, estão fora da ordem; e, por isso, é sempre plausível e não carece de legitimação sua execução sumária. E, aqueles que executam, estão fazendo higienização por um bem maior, manter a ORDEM caso for realizada. Não há nenhuma culpa, pois, realizam um bem maior que é a manutenção da sacrossanta ordem vigente. Nesse sentido a Hannah Arendt⁹ fala isso claramente de como o nazismo produziu um campo e produziu uma constituição capaz de exclusão permanente de todos aqueles que não cabiam que não eram germânicos e todos aqueles que não eram heterossexuais e todos aqueles que não eram brancos ou portadores de deficiência, desse NOMOS, criou uma constituição nazifascista que costume sempre assombrar a história cotidiana. E essa constituição terminou sendo a constituição genocida rediviva e internalizada, no sadismo. Um processo de democratização para a raça ariana, conceito também ambíguo, mas legitimando de maneira divina pelos mitos arianos autoritários, legitimando a 'divindade' desses deuses, que auto erigem altares consagrados a si próprios que irão acabar com a miséria do mundo, com a fome, com a perversidade como messias que se multiplicam. Ontem saiu umas revistas acusações de que as igrejas também estão formando milícias para uma batalha de Deus contra a perversidade. E hoje a tomada do Congresso por fundamentalistas de todas as igrejas não apenas evangélicas, mas

⁹ **Hannah Arendt** (nascida Johanna Arendt; Linden, Alemanha, 14 de outubro de 1906 – Nova Iorque, Estados Unidos, 4 de dezembro de 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Hannah_Arendt)

de todos aqueles setores conservadores e de não democráticos estão dentro do Congresso que seria a casa da democracia para representar um empirismo muito grande que as igrejas têm de legitimar ações, nos processos de sacrifício, pena de morte e exclusão. A religião sabe distorcer um processo forte, de afinação e ideais ser humano de busca, de coisas mais permanentes e menos passageiras do que a mesmice cotidiana. Produz também uma forma de violência no sagrado¹⁰ de caráter mais insidiosa e, historicamente, muito perigosa e quase eterna.

RHM: E o que fazer para alterar esse quadro, melhorar esse quadro?

Todos sem exceção de ninguém deverão começar em si próprios, e ao começar em si próprios, saber que a condição disso terá que ser na relação com o outro e com as coisas do mundo. Terá que haver novas, - não é novo! -, dimensões de vida se tornarem a grande tônica do desejo permanente da gente. De que a gente não abra o caminho da violência, do extermínio, da morte dos outros, porque nós nos sabemos do que somos feitos. Não somos melhores, somos iguais, somos semelhantes, e a nossa fragilidade é a de todas as criaturas: a consciência disso que tem que corrigir, um sistema que endeusa as pessoas - e aqui, infelizmente, nossa espécie em particular - nos tornam senhores, grandes e inerrantes, caminhamos na direção ao pior por degeneração, diria Merleau-Ponty, de nossa animalidade que se faz por nossa criaturidade, por termos sido gerados, do mesmo 'limo da terra' junto a toda a criação. A modernidade sempre foi frívola em dizer que o homem é mau por natureza. Nós não somos mal por natureza, nós somos bons e maus, se somam em nós. E precisamos trabalhar nessa ambiguidade que somos, para poder tirar o melhor do que seja possível num contexto de possibilidade que sempre temos. E cabe a nós um esforço permanente de também nos juntar com outras pessoas em formas de movimentos explícitos, de informações, de relações estabelecidas, que estejam na contramão disso, inclusive na contramão daquilo que legalmente for injusto inclusive das coisas que constitucionalmente são errôneas e permitem e majorar frivolamente a

¹⁰ **Girard, René.** *A violência e o sagrado* / René Girard; trad. Martha Conceição Gambini. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008; **Berger, Peter L.** *O dossel sagrado : elementos para uma teoria sociológica da religião* / Peter L. Berger ; trad. José Carlos Barcellos. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2005.

violência. É hora de ter consciência de nossa fragilidade e das nossas possibilidades sempre abertas para a comunhão.

RHM: Muito obrigado professor encerremos por aqui, o senhor tem alguma consideração a fazer para encerrar.

Eu queria agradecer a possibilidade de estar conversando com vocês, grande parte dos que pertencem ou pertencerão à Polícia Militar e com os quais encontramos-nos, tenho em um imenso respeito e carinho sobre aquilo que se tem feito, na busca de uma Justiça cada vez melhor e maior; e, o cuidado com as coisas públicas, e também a formação como tem se processado, a capacidade também de investigação que a polícia adquiriu em nível nacional, de contribuir para o Estado Público; e a garantia da autonomia das investigações; e, evitar todo nível de violência, e estimular a concórdia, sobretudo em momentos de grandes dissensos e quebra de parâmetros e de conceitos de atuação. Com a isenção possível, é necessário assegurar a construção da cidadania que está presente em cada pessoa no país, ela não vem de fora, por investidura. Quem tem pele humana deverá, originariamente, por vocação, buscar a cidadania e promovê-la. A importância do Ministério Público cuja liberdade deve ser resguardada em formas dialógicas com a população. À Polícia cabe, já foi mais que explicitado, nos embates, ser este instrumento do fortalecimento da cidadania pelo respeito, equidade, ânimo e dimensão pedagógica. Apoio necessário, que leve em consideração os mais sofridos, adoecidos, esquecidos, condenados, todos os aqueles e aquelas que portam diferença – todos somos diversos - prerrogativa de se caminhar na busca, planetária, da Justiça, da Liberdade, da autonomia e, ultrapassar todas as formas vindicativas, contra sem-teto, crianças, adolescentes, estrangeiros, indígenas, mulheres, gays, travestis, deficientes, negros, idosos. Respeitar cada criatura em suas múltiplas naturezas, animais, vegetais, minerais, e toda dimensão ecológica, do nosso país e do planeta. Fortalecer autonomia dos territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos, matas, lagos, sertões, cerrados, rios. Não permitir que se entregue o país e seus recursos sob o esmagamento do suor e sangue dos que trabalham, sequestrando nossa pátria à

nação. Parabênzoz pela liberdade e escuta atenciosa, e desejo plenas realizações a todas e todos.

RHM: Obrigado professor